

O PROCESSO DE EXPATRIAÇÃO DE ESTUDANTES

Emmanoela Mello Migliorini (PIC), Luana Alexia dos Santos (PIC), Fabiane Cortez Verdu, e-mail: fcverdu@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Administração, Administração de Empresas, Negócios Internacionais.

Palavras-chave: expatriação voluntária; mulheres; desafios.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo geral descrever o processo de expatriação de estudantes, sendo classificado como uma pesquisa descritivo-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, que foram gravadas, transcritas e analisadas pela técnica de análise de conteúdo. A expatriação, que é viver fora do país de origem, pode ser organizacional (transferência por empresa) ou voluntária (iniciativa própria). Os expatriados enfrentam desafios como adaptação cultural, barreiras linguísticas, xenofobia, preconceito e conflitos entre trabalho e família. Para mulheres, esses desafios são agravados por estereótipos de gênero, baixa representatividade, dificuldades de equilíbrio vida-trabalho, objetificação e subestimação intelectual, além do "teto de vidro". Além disso, ainda há poucas pesquisas sobre mulheres expatriadas. Os principais resultados são: o desejo por novas experiências, fluência em inglês como facilitador, necessidade de aprender novos idiomas e resiliência diante das dificuldades. O apoio social e a criação de rotinas foram importantes para o bem-estar das expatriadas. Suas experiências mostram como nacionalidade, idioma e gênero influenciam a percepção e o tratamento de expatriadas.

INTRODUÇÃO

O fenômeno multifacetado da globalização impulsionou a mobilidade internacional, ou seja, o cruzamento de fronteiras por pessoas e os desafios decorrentes dela. Entre os tipos de mobilidade destaca-se a expatriação que envolve o deslocamento de pessoas de um país para o outro para viver temporariamente. Existem dois tipos de expatriados: organizacionais e voluntários.

Os expatriados organizacionais (ou corporativos) são os profissionais transferidos de uma unidade (matriz ou subsidiária) para outra unidade no exterior, ou seja, aqueles empregados que são apoiados por uma empresa para realizar uma missão internacional. Na volta ao país de origem retomam o trabalho.

Os expatriados voluntários (autoexpatriados) são as pessoas que vão para o exterior por iniciativa própria sem o apoio de uma organização, ou seja, aqueles que buscam experiência internacional (trabalho, estudo, vida) sem o patrocínio de uma organização, como por exemplo, estudantes e professores.

Mudar de um país para o outro, envolve lidar com normas não familiares relacionadas com cultura geral, práticas de negócios, condições de vida, clima, alimentação, cuidados com a saúde, costumes diários e sistemas políticos, além de enfrentar uma língua estrangeira no dia a dia. O ajustamento intercultural do expatriado é essencial para que a experiência internacional seja bem-sucedida.

Embora o número de expatriados tenha aumentado ano após ano, os estudos brasileiros ainda se concentram na expatriação organizacional em detrimento da expatriação voluntária e na expatriação masculina em detrimento da feminina. Nos estudos sobre expatriação voluntária destacam-se os sobre professores, enquanto sobre estudantes são poucos.

Portanto o **objetivo Geral** deste trabalho é descrever como ocorre o processo de expatriação de estudantes do sexo feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa pode ser classificada como descritivo-qualitativa. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada. Foi elaborado um roteiro de entrevista contendo 12 perguntas abertas, com foco em aspectos emocionais, culturais, identitários e de gênero relacionados à experiência de expatriação voluntária. Foram realizadas três entrevistas e cada uma teve duração média de 40 minutos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo. A **Aluna 1** cursa Pedagogia, tem 22 anos e ficou 6 meses na Itália. A **Aluna 2** cursa bioquímica, tem 22 anos, e ficou um semestre na Argentina. A **Aluna 3** cursa Administração, tem 21 anos e ficou um ano nos Estados Unidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fluência prévia em inglês foi um fator facilitador para as alunas em suas mobilidades internacionais. As alunas 1 e 2 tiveram que aprender ou aprimorar um segundo idioma local para melhor integração, enfrentando desafios que incluíram desde o aprendizado formal em aula até a imersão prática em comunidades locais. A Aluna 3, destaca-se pela facilidade em adaptação, beneficiada pelo domínio do inglês. Essas diferenças refletem as variadas demandas linguísticas e culturais encontradas em programas de mobilidade acadêmica e evidenciam a importância da preparação prévia e do suporte institucional para o sucesso do processo de expatriação estudantil, ou seja, o domínio do idioma do país anfitrião é importante para a qualidade do contato inicial e a efetividade da atuação no novo contexto.

As alunas enfrentaram diferentes desafios ao se mudarem para outro país e todas passaram por momentos difíceis no início da experiência. A Aluna 1 teve problemas

principalmente com a parte burocrática da universidade no Brasil, já que seu curso não tinha experiência com mobilidade, o que exigiu muita paciência e ajuda dos professores. Além disso, ela também enfrentou dificuldades financeiras, pois não recebeu auxílio para a passagem aérea, além de ter dificuldade para encontrar moradia na Itália. Já a Aluna 2 sentiu bastante dificuldade com o idioma nos primeiros dias, o que a deixou insegura e nervosa. Por fim, a Aluna 3, passou por um choque cultural no começo e demorou para se adaptar à nova rotina, ela estranhou o fato de depender de carro para tudo, já que no Brasil usava muito o transporte público e caminhava. Também sentiu a distância da família e o impacto do fuso horário.

As alunas estabeleceram uma nova rotina no país de destino para manter a saúde mental e o bem-estar. Cultivar hábitos como frequentar a academia, praticar atividade física regularmente e organizar o tempo entre estudos, lazer e autocuidado ajudou a tornar a experiência de expatriação mais leve e equilibrada. A rotina ajudou a tornar a experiência de expatriação mais leve, promovendo equilíbrio emocional e uma adaptação mais positiva à nova realidade (Alarcão e Soterio, 2020).

Enquanto a aluna 1 não percebeu situações de preconceito, possivelmente devido ao ambiente multicultural em que estava inserida, a aluna 2 notou certa resistência em ser ouvida, ainda que sem identificar claramente se isso se devia ao gênero ou à barreira linguística. Já a aluna 3 vivenciou diretamente os estereótipos apontados na literatura (Gallon, Fraga e Vaz, 2021; Gomes, 2013) sendo alvo de assédio e subestimada academicamente por sua aparência e nacionalidade, o que confirma como os estereótipos de gênero e a hipersexualização da mulher brasileira ainda impactam negativamente a experiência internacional de muitas mulheres (Gomes, 2013).

As alunas foram vistas de maneiras diferentes quando estavam fora do país. A aluna 1 teve uma experiência positiva e se sentiu respeitada. A Aluna 2 percebeu que esperavam menos dela, talvez por ser mulher ou não falar bem o idioma. Já a Aluna 3 percebeu que, por ser mulher e brasileira, suas capacidades intelectuais foram subestimadas, o que tornou mais difícil sua inclusão e reconhecimento no novo ambiente em que estava inserida.

A aluna 1 não sentiu necessidade de se afirmar mais do que seus colegas, mas percebeu certo favoritismo por parte de professores italianos em relação a estudantes do próprio país, o que remete aos estereótipos e preferências nacionais apontados por Gallon, Fraga e Vaz (2021), embora seu curto tempo de permanência tenha limitado o impacto dessa situação, como indicam Hutchings e Michailova (2017). A aluna 2, por sua vez, sentiu que precisava se provar por conta da barreira do idioma, mas não por ser mulher, já que estava em um ambiente majoritariamente feminino e acolhedor, o que reflete a importância do contexto organizacional na mediação das experiências de gênero, conforme sugerem Alarcão e Soterio (2020). Já a aluna 3 enfrentou a necessidade de desconstruir estereótipos tanto por ser brasileira quanto por ser mulher, tendo que reafirmar constantemente sua competência diante de colegas europeus vistos como naturalmente mais capacitados e enfrentar visões machistas no ambiente de trabalho e nas atividades extracurriculares, um exemplo claro dos preconceitos culturais e de gênero

analisados por Gomes (2013), Gallon, Fraga e Vaz (2021). Essas experiências demonstram como a intersecção entre nacionalidade, idioma e gênero influencia diretamente a forma como expatriadas são percebidas e tratadas, exigindo delas estratégias constantes de afirmação e adaptação para legitimar sua presença em contextos muitas vezes marcados por desigualdades simbólicas e estruturais.

CONCLUSÕES

Embora as mulheres expatriadas voluntariamente enfrentam desafios, o ambiente universitário parece ser mais inclusivo. Os relatos enriquecem a teoria, mostrando que a expatriação feminina é um processo de autoconhecimento, enfrentamento de estereótipos e barreiras emocionais, ressaltando a necessidade de políticas e pesquisas que considerem o gênero na experiência migratória.

Os desafios emocionais e culturais que se entrelaçam com a vivência cotidiana, como a solidão, as dificuldades com o idioma, a construção de novos laços e a busca por pertencimento. Esses achados destacam a complexidade do processo de adaptação em contextos interculturais, especialmente quando há o rompimento com as redes de apoio habituais.

Ao mesmo tempo, ficou evidente como o gênero e a nacionalidade influenciam a forma como essas estudantes foram percebidas e tratadas nos países de destino. Episódios de preconceito, expectativas reduzidas e a necessidade constante de provar sua competência marcaram a trajetória dessas jovens, reforçando os apontamentos de Honda e Cherix (2015) sobre os estereótipos associados à mulher latino-americana no exterior. Ainda assim, cada uma construiu estratégias de enfrentamento e resiliência, encontrando, no meio das dificuldades, oportunidades de crescimento e amadurecimento. Assim, a pesquisa confirma o que parte da literatura já aponta: que a experiência expatriada é cheia de nuances e merece ser compreendida para além das fronteiras institucionais e acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, M., SOTERO, L. **Palavras para lá da pandemia**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2020.

GALLON, S.; FRAGA, A. M.; ANTUNES, E. D. D. Conceitos e configurações de expatriados na internacionalização empresarial. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 23, p. 29–59, 2017.

GOMES, M.S.O Imaginário social em Portugal. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, v. 56, n. 4, 867-900, 2013

HONDA, C.M; CHERIX, K. Deixar o país: um olhar psicanalítico sobre a expatriação. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 43, n. 105, p. 238-246, 2023.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

HUTCHINGS, K.; MICHAILOVA, S. Female expatriates. In: McNULTY, Y.; SELMER, J. **Research Handbook of expatriates**. UK, USA: Edward Elgar, 2017.